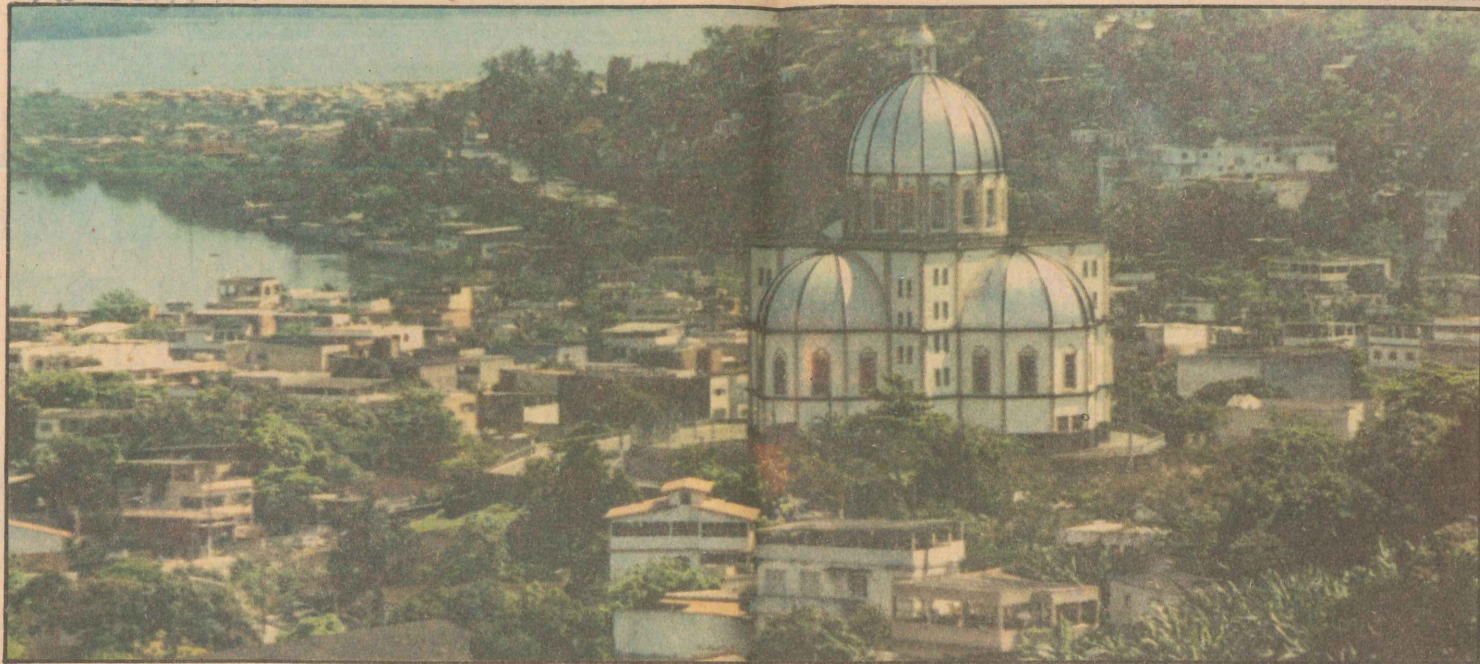


Saúde é o maior problema de S. Antônio

Foto de Nestor Muller



Santo Antônio, o bairro mais antigo de Vitória, tem mais de 30 mil moradores e enfrenta muitos problemas

AJ19987:J

O atendimento no setor de saúde é o principal problema enfrentado pelos moradores de Santo Antônio, o bairro mais antigo de Vitória. O centro de saúde foi fechado há vários meses para reforma e a unidade sanitária acabou sendo desativada. Com isso, a população só consegue atendimento médico e ambulatorial em duas salas improvisadas pela Secretaria Estadual de Saúde no Sambão do Povo. Os moradores também reclamam da coleta de lixo, considerada precária, e da insegurança, que acabou com a tranquilidade que predominava no local há alguns anos. Muitos fatos da história do bairro estão guardados na memória dos mais antigos moradores. (Página 10)

Maior problema de Santo Antônio está na Saúde

Deficiente em todo o Estado e no país, a área de saúde é a "pedra no sapato" dos mais de 30 mil moradores da Grande Santo Antônio. O centro de saúde do bairro central foi fechado há vários meses pelo Governo do Estado para reformas, e a Prefeitura de Vitória decidiu ainda desativar o posto médico instalado no Centro Social Urbano. Sem contar que o Hospital Oswaldo Monteiro, na Ilha da Pólvora, também fechou as portas. Os moradores admitem que haviam falhas no funcionamento das unidades mas se valem do dito popular "ruim com eles, pior sem eles", porque agora para a comunidade o atendimento médico está sendo um "Deus nos acuda".

A coordenadora do Movimento Comunitário de Santo Antônio, Fátima Santos, lembra que o Centro de Saúde — responsável pelo atendimento de mais de 15 comunidades — era "um horror, e apresentava muitos problemas como azulejos quebrados, banheiros imundos, falta de equipamentos e suspensão freqüente do atendimento devido à falta de água". Com as insistentes reivindicações, o Governo do Estado resolveu colocar o prédio em reforma, o que já se arrasta, segundo ela, há mais de seis meses. Quem adoece à noite não conta sequer com uma

farmácia aberta, segundo o morador, Nilson Alves.

Enquanto isso, um precário atendimento na área de saúde está sendo feito num espaço do Sambão do Povo, sem a devida infra-estrutura e aparelhagem. O atendimento à população da região piorou com o fechamento do Hospital Oswaldo Monteiro, na Ilha da Pólvora e do posto de saúde da Prefeitura no Centro Social Urbano. Na ocasião, a PMV conforme a líder comunitária, alegou que a pequena demanda não justificava a manutenção da unidade. No Alto de Caratoira, conforme o presidente da Associação de Moradores, João Carlos dos Santos, o **Mestre Barata**, a ausência de um posto médico também é um grande problema, assim como para os demais bairros daquela região.

Lixo

O recolhimento de lixo deixa a desejar. Nas travessas, transversais e no Morro do Pinto, por exemplo, "nem os garis atuam", conta a líder comunitária, ressaltando que não existe um horário definido para a passagem dos caminhões coletores. Também integrante do movimento comunitário, Martha Beatriz Santos Machado, conta que em algumas ruas os moradores

chegam a fazer cotas para pagar os garis para que executem a limpeza, "o que é um absurdo, pois já pagamos impostos para isso".

Mestre Barata denuncia que a empreiteira da PMV chega a jogar entulho e lixo hospitalar na Avenida Dario Lourenço — numa área próxima ao Tancredão. Um terreno baldio localizado na esquina das ruas José Monjardim com a Soldado Manoel Furtado, já foi transformado em depósito de lixo. O comerciante Wellington Rodrigues mostrou-se revoltado pelo deficiente recolhimento no Morro do Pinto. "Com isso o pessoal acaba jogando as sacolas no canto da praça do cemitério e perto ao meu estabelecimento, provocando surgimento de ratos, baratas, e, claro, mau cheiro".

A infra-estrutura melhorou ao longo dos anos, mas o esgoto das casas continua sendo lançado, sem tratamento, na maré. A liderança comunitária se queixa de que a PMV não incluiu Santo Antônio no projeto de preservação do manguezal, realizado em São Pedro. Com isso, as invasões na área de manguezal continuam. Uma queixa comum a todos os bairros da Grande Santo Antônio é a falta de água, que tem se tornado cada vez mais frequente.

Saneamento tem elogios

Ao longo dos últimos anos o Bairro de Santo Antônio sofreu várias melhorias na área de infra-estrutura por parte das administrações municipais. Vários problemas de esgoto a céu aberto e valas foram sanados pelas administrações e hoje um elogio unânime da comunidade é para a construção da galeria da Rua Ernesto Bassini, pela atual administração. Apesar das obras, o esgoto do bairro ainda continua sendo despejado na maré, o que é um problema que atinge toda a ilha de Vitória.

Mesmo possuidor de várias casas comerciais, padarias e farmácias, o bairro ainda vive em função de Vitória. Santo Antônio ainda é desprovido de grandes lojas ou supermercados. A tranquilidade, que era uma característica do bairro, está indo embora e no seu lugar entram o medo e o pânico dos moradores, contrastando com o aspecto bucólico do local, com suas ruas estreitas, as casas baixas e arquitetura antiga. O encontro na praça ainda resiste ao temor dos assaltos.

Próximo à praça está o Cemitério de Santo Antônio, que teve em 1913 o primeiro sepultamento. Através do cemitério, o bairro pôde acompanhar a partida de muita gente famosa, como

Moradores lembram passado

Aspectos da história do bairro são lembranças vivas daqueles que habitam Santo Antônio há 50, 60 ou mesmo há mais de 80 anos. História que corre o risco de se perder, se não for resgatada a tempo pelas entidades ou órgãos públicos. Parte da história do bairro pode ser contada por José Flávio de Oliveira, de 87 anos, e Cremilda Soares de Oliveira, de 85 anos, casal morador da Rua Alvimar Silva.

José Flávio ouve pouco hoje, mas a mulher o ajuda a se comunicar. Ele conta que quando criança gostava muito de ver os bondes puxados a burro, o que, segundo ele, aconteceu entre 1905 e 1912, devido à falta de energia elétrica no bairro. Depois disso, os bondes passaram a ser conduzidos a eletricidade. A água também não era encanada e era buscada no cemitério.

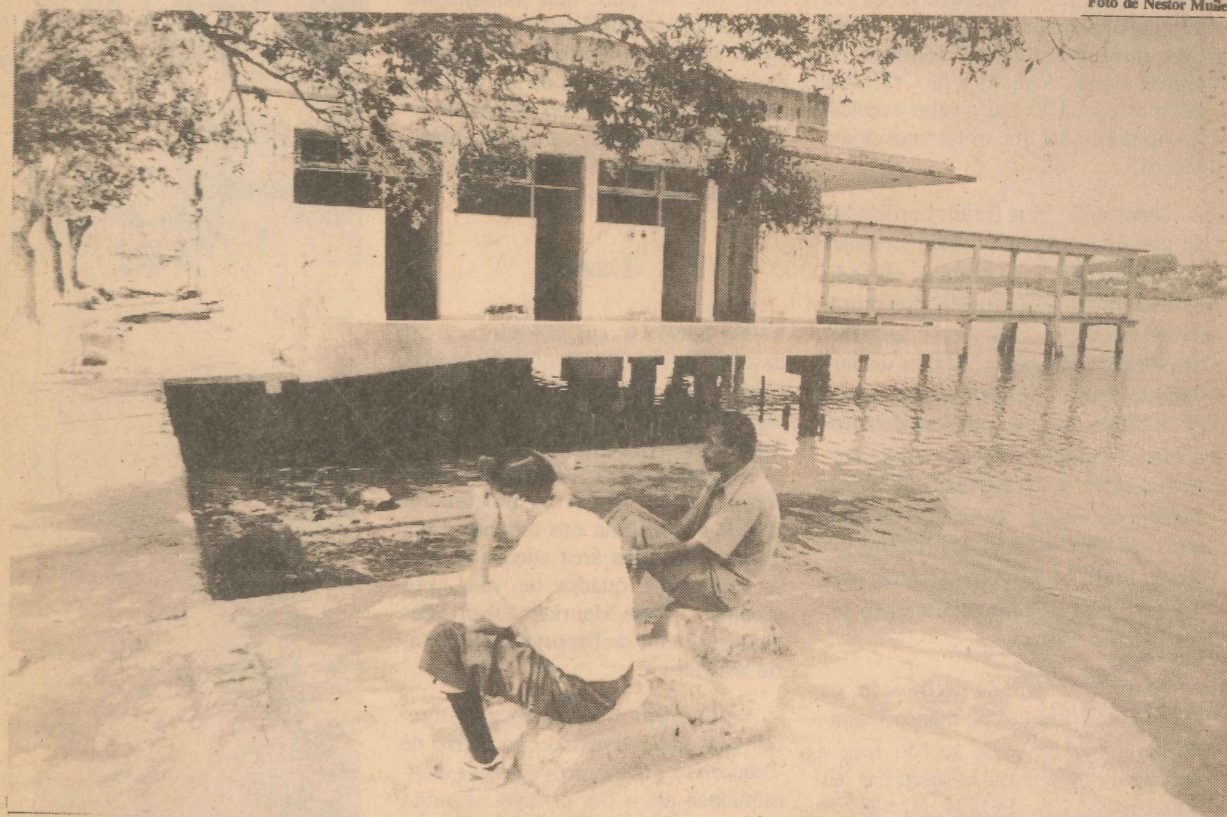
Já Cremilda Soares lembra da época em que os guaiamuns os incomodava até na cama: "Costurar era uma dificuldade pois os crustáceos também puxavam os tecidos e os carretéis".

Aos 18 anos, José Flávio foi trabalhar na Companhia Rei Beneficadora de Café, que fechou devido



Seu Anselmo: marinheiro

ceber muitos vãos internacionais. Anselmo Servino reivindicou o posto de marinheiro de primeira classe e foi nomeado por Getúlio Vargas. Ele lembra que muita gente famosa, inclusive autoridades internacionais, passaram por ali. Durante a



O cais do avião, onde desembarcou gente famosa, hoje está abandonado e entregue à ação de marginais

Fundação se deu na colonização

Santo Antônio é o bairro mais antigo de Vitória. Sua fundação remonta à época da colonização do Espírito Santo, quando os portugueses, na tentativa de explorar o litoral capixaba, chegaram até o bairro. As primeiras ocupações se deram na parte alta, que até bem pouco tempo possuía ruínas de construções dos jesuítas, destruídas pela ocupação desordenada do bairro.

Os registros históricos dizem que o português Vasco Fernandes Coutinho encontrou muitos índios goitacazes ao desembarcar próximo à ilha das Caieiras, em 13 de junho de 1535, denominando o local de Ilha de Santo Antônio, por ser o dia do Santo. Em 1537, o explorador do solo capixaba doou a ilha a Duarte Lemos, que construiu uma fazenda no morro, ficando isento do dízimo de Deus.

Embora recheada de fatos interessantes, segundo relato de antigos mo-

radores, a história de Santo Antônio se perdeu no tempo, por falta de manuscritos. Conta-se que quando o morador mais antigo do bairro, Mário Pereira de Oliveira, chegou a Santo Antônio, a monotonia local era quebrada com a instalação da linha de bonde, inicialmente puxada a burro porque a energia elétrica só chegou após 1910.

Antigamente, a atividade comercial mais intensa desenvolvia-se no Cais de Lenha, Rua Archimiro Mattos, onde eram desembareadas as mercadorias — banana, cana-de-açúcar, café e lenha — provenientes de Iúna, Rio de Santa Maria e Cariacica. Vitória ainda se ligava ao continente através de barcos, pois a ponte Florentino Avidos ainda não tinha sido construída. Mesmo com a facilidade do transporte, por muito tempo o bairro permaneceu um lugar quase deserto. Em 1927, as casas de palha eram maioria no bairro, onde só

havia o matadouro, local atual da sede do Santo Antônio Futebol Clube, e um pequeno armazém de secos e molhados, além do cemitério.

O desenvolvimento do bairro se deve muito aos padres pavonianos, que começaram a chegar em 1941. Em 1948, foi criada a Associação das Obras Pavonianas de Assistência, com base na doutrina da congregação, fundada em 8 de dezembro de 1847, em Brécia, na Itália, por Ludovico Pavoni. Inicialmente, os padres criaram uma pequena escola atrás da Igreja Matriz, e em seguida estabeleceram um convênio com a LBA, através do qual fundaram a Obra Social São José, no prédio onde hoje funciona a escola Alvimar Silva.

A visão empreendedora dos padres os levou a construir um bonito santuário que é uma espécie de cartão postal da região.

Transporte coletivo recebe críticas

Os moradores de Santo Antônio não estão satisfeitos com o transporte coletivo. "O bairro se transformou apenas num corredor de ônibus para

ônibus para a garagem, em São Pedro, foram outros transtornos apontados por Fátima Santos.

Com a recuperação da rodovia Se-

cendo uma boa infra-estrutura, ameaça fechar por dificuldades financeiras, conforme a funcionária Hilda Marques Portos. Ela afirma

